

# **Trabalho em domicílio: quotidiano de trabalhadoras domésticas e patroas**

**Jorgetânia da Silva Ferreira**

## **Resumo**

Este trabalho aborda o tema do trabalho doméstico, apontando a desigualdade de gênero na sua distribuição e o peso do trabalho doméstico remunerado no Brasil. Apresenta ainda relatos de trabalhadoras domésticas e patroas, analisando conflitos e ambigüidades presentes nas relações entre essas mulheres.

## **Abstract**

This paper addresses the issue of domestic work, pointing out the gender inequality in the distribution and the weight of paid domestic work in Brazil also presents reports of domestic workers and housewives, analyzing conflicts and ambiguities present in the relationships between these women.

## **Palavras-chave**

Trabalhadoras domésticas, patroas, emprego doméstico.

Doutora em História pela PUC-SP, professora do Instituto de História -UFU. Integra o Núcleo de Estudos de Gênero, Violência e Mulheres / NEGUEM.

<sup>1</sup> THOMPSON, E.P. *A Miséria da Teoria* ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser. Rio de Janeiro: Zahar, 1981

<sup>2</sup> O estudo não partiu da categoria gênero para a compreensão dessas experiências mas no diálogo com a produção bibliográfica sobre o tema aproximou de sua abordagem. Na discussão sobre experiência e gênero ver debate: SCOTT, Joan W. "A invisibilidade da experiência". *Projeto História*, São Paulo, n. 16, p. 297-325, fev. 1998

## Introdução

Este estudo analisa experiências de mulheres que têm o trabalho doméstico como atividade principal. O estudo partiu do conceito de experiência, conforme apresentado por Edward Palmer Thompson e da necessária relação entre princípios teóricos e prática social<sup>1</sup>. No desenvolver da pesquisa e após seu término, foram importantes as reflexões produzidas pelas intelectuais feministas, a produção dos movimentos de mulheres e os estudos de gênero<sup>2</sup>. O trabalho foi realizado tendo como fonte principal o relato de mulheres trabalhadoras domésticas e donas-de-casa, moradoras do Triângulo Mineiro-MG, buscando acompanhar transformações e permanências no trabalho doméstico no período de 1950-2006.

Falar do trabalho doméstico é falar de um tema incômodo, especialmente para militantes, intelectuais, feministas e socialistas, porque é um tema que escancara a desigualdade social, a desigualdade na divisão do trabalho doméstico e traz para as nossas vidas, para o nosso cotidiano a explicitação e vivência do capitalismo e do machismo. Talvez em função deste incômodo, a bibliografia sobre o tema nos anos 70 apontava a perspectiva de superação do trabalho doméstico individual por alternativas estatais: lavanderias, restaurantes, creches, escolas. O cuidado deveria ser uma atribuição do Estado e do coletivo e não das unidades familiares. Essa perspectiva apontava o sentido contrário da nova face do capitalismo nas últimas décadas do século passado e o trabalho doméstico continuou, em grande medida no domicílio. E continuou sendo trabalho essencialmente feminino. Se por um lado houve uma maior presença das mulheres em ocupações e espaços considerados historicamente masculinos, por outro lado, não houve no domicílio uma proporcional divisão do trabalho doméstico entre homens e mulheres.

No enfrentamento à desigual distribuição do trabalho doméstico, a 3ª Ação Internacional da Marcha Mundial de Mulheres ocorrida em São Paulo entre os dias 8 e 18 de março de 2010 trouxe como Plataforma de Ação à temática da Autonomia Econômica das Mulheres, reivindicando:

- Por uma reorganização do trabalho em que haja uma divisão igualitária das responsabilidades pelo cuidado com as crianças, idosos e doentes e, sobretudo das tarefas domésticas entre homens e mulheres.
- Que os governos criem condições para a socialização do trabalho doméstico garantindo a melhoria do acesso aos serviços públicos e a criação de novos equipamentos sociais como lavanderias e restaurantes públicos.
- Exigimos a ampliação do acesso a creches públicas, de qualidade, em período integral, para todas as crianças, para superar o déficit no acesso, que deixa 80% das crianças de 0 a 3 anos sem atendimento<sup>3</sup>.

<sup>3</sup>Disponível em: [www.sof.org.br](http://www.sof.org.br). Acesso em: 08 de maio de 2010.

Observamos que o movimento das mulheres neste momento, ao problematizar a divisão do trabalho doméstico, apresenta esta atividade como importante para a sobrevivência humana. Desta forma apresenta uma nova forma de compreendê-lo, não apenas tirando o trabalho doméstico do domicílio mas defendendo uma distribuição igual entre homens e mulheres. Ao mesmo tempo, exige políticas públicas para que, parcela deste trabalho, possa ser realizado, nos espaços públicos, sob a responsabilidade do Estado.

### **O trabalho doméstico remunerado**

Com a não superação do trabalho doméstico na esfera privada, ausência de políticas públicas que dêem suporte ao cuidado e com a concentração do trabalho doméstico nas mãos das mulheres, a solução encontrada pelas classes médias e altas, é o emprego de mulheres como trabalhadoras domésticas. Isso faz com que o emprego doméstico mantenha-se como um dos principais campos de emprego, sendo atualmente a maior ocupação das mulheres no Brasil.

Estudos apontam que a maior presença do trabalho doméstico se relaciona diretamente com a questão da des(igualdade) social. Quanto maior a distância entre pobres e ricos, maior a possibilidade de contratar serviços domésticos de terceiros. Em países ricos, como os EUA, o crescimento do empre-

<sup>4</sup> A esse respeito ver: BRITES, Jurema. Serviço doméstico, desigualdade, gênero e cidadania. In: WOLF, C. S., DE FAVERI, M., RAMOS, T.R DE O. *Leituras em rede: gênero e preconceito*. Florianópolis: Editora das Mulheres, 2007.

go doméstico tem ocorrido nos últimos anos, exatamente nas áreas em que a desigualdade é maior.

Altas taxas de serviços domésticos são comuns em economias periféricas com grande grau de desigualdade, como nos países de terceiro mundo. Na Suécia, um dos países com menor desigualdade, o sendo de 1990 registrou duas (número absoluto) trabalhadoras domésticas. (...)

O aumento do número dos empregos domésticos coincidiu com o crescimento do número de mulheres da elite exercendo profissões liberais e administrativas, as quais retêm maiores possibilidades para comprar o trabalho doméstico de outras mulheres<sup>4</sup>.

No Brasil o emprego doméstico vem de longa tradição, desde o período colonial, com mão de obra africana escravizada. No século XX permaneceu como importante campo de emprego de mulheres, marcado por grande informalidade. A Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) excluía as trabalhadoras domésticas do rol de sua proteção. Somente a partir de 1972 com a lei nº 5.859 (11/12/1972), as trabalhadoras domésticas passaram a ter sua profissão reconhecida pela legislação, conquistando o direito a férias de 20 dias, carteira assinada e previdência social. Com a Constituição Federal de 1988 houve uma ampliação dos direitos das trabalhadoras domésticas, que assegurou: salário mínimo; irredutibilidade de salário; décimo terceiro; repouso semanal remunerado, preferencialmente aos domingos; férias anuais, acrescidas de 1/3; licença à gestante; licença paternidade; aviso prévio proporcional ao tempo de serviço; e aposentadoria. As trabalhadoras domésticas mantêm, por meio de seus sindicatos, associações e a Federação Nacional de Trabalhadores Domésticos a luta por FGTS, seguro-desemprego como direito, jornada de trabalho, seguro em casos de acidente de trabalho, bem como outros direitos e benefícios.

A partir de entrevistas com trabalhadoras domésticas e patroas, observamos que as relações de trabalho no âmbito doméstico se organizam a partir de acordos entre as partes, com pouca referência na legislação. Ainda assim, à medida que as outras ca-

tegorias profissionais vão conquistando direitos, parte das trabalhadoras também vão incorporando conquistas.

As patroas que eu tive foram boas, eu tive patroas generosa. Na época, não usava carteira assinada. A verdade é que, como doméstica, eu nunca tive uma carteira assinada. Eu já tinha assim alguns direitos. Eu tinha folga, eu recebia salário dobrado no Natal, eu recebia salários de aniversário. Eu só não tinha assim, fundo de garantia, mas eu sempre fui assim<sup>5</sup>.

<sup>5</sup> Oneida, trabalhadora doméstica de Monte Carmelo, entrevista à autora.

<sup>6</sup> Maria Augusta, trabalhadora doméstica de Uberlândia, entrevista à autora.

Oneida faz referência ao fato de que mesmo antes da lei que institui alguns direitos usufruía de alguns benefícios na prática.

De forma diferente Maria Augusta avalia o trabalho doméstico:

... acho que não compensa, não compensa trabalhar de doméstica com carteira assinada, porque você não tem hora de almoço, você tem hora de entrar, mas não tem hora de sair. E o fundo de garantia, e... seguro desemprego, isso cê não tem, só décimo terceiro e férias, por isso eu acho que não compensa. [...] Eu não quis assinar carteira pelo fato assim, porque os meus direitos que eu tenho com a carteira assinada eu tenho sem a carteira assinada, por exemplo, a única diferença é que ela vai descontar de mim o INPS, só o INPS, porque o resto: férias, 13<sup>o</sup>, eu tendo a carteira assinada, ou não tendo, ela me paga<sup>6</sup>.

Muitas trabalhadoras acreditam que carteira assinada não lhes traz nenhuma vantagem, ao contrário, traria um custo imediato, pois teria que descontar parte de seu salário para pagar a previdência. Para Maria Augusta, o contrato de trabalho doméstico é tão diferente que não justifica a assinatura na carteira, por que os poucos direitos independem da carteira assinada ou não. Maria Augusta estava convicta de sua posição, mesmo estando na época da entrevista grávida, desempregada, tendo sido despedida do emprego em função da gravidez, numa relação de trabalho sem carteira assinada.

<sup>7</sup> Carmen, patroa, dona-de-casa de Uberlândia, entrevista à autora.

Ainda que seja uma relação de trabalho instituída em lei, com direitos e deveres, os discursos sobre o trabalho doméstico, tanto da parte de trabalhadoras domésticas quanto das patroas, continuam carregados dessa dimensão pessoal, de uma idéia do trabalho como favor.

Porque quando eu morava em casa, a casa era grande e tudo, eu tinha duas, aliás, ainda tenho as mesmas duas, entendeu? Estão comigo há uns 10 anos já. Muito tempo. Então, quando eu mudei pra cá, apesar de ter menos serviço e tudo, eu conservei as duas porque, mais pra ajudar, sabe? Já está comigo há muito tempo, tem uma que trabalhava era em café e tudo, aí veio trabalhar comigo, ela é assim mais quietinha, se for arrumar outro emprego eu nem sei se arruma assim fácil, mas ela trabalha aqui pra mim mas trabalha mesmo só com limpeza. A outra fica por conta de lavar, passar e cozinhar. (pausa) De casa não, né?<sup>7</sup>.

É uma marca muito importante das relações de trabalho no âmbito doméstico o apego, tanto da parte das trabalhadoras como das patroas, à uma dimensão pessoal da relação, sendo propalada a amizade entre as famílias trabalhadoras e empregadoras, e mais que isso, na própria idéia de que a doméstica é “quase da família”. Como é uma relação de trabalho, em que há desigualdade de classe, gênero, etnia, geração, mas com aparência de relação afetiva, são muitos os conflitos presentes nessa relação de trabalho, que muitas vezes comporta amizade, compadrio, proteção e muitas ambigüidades.

Nos aspectos pessoais e familiares, as partes envolvidas buscam garantir seus interesses.

Uma das minhas proposições neste texto é, entretanto, mostrar que para além destes contornos negativos, as relações *infra-políticas* entre patrões e empregadas – mesmo que não democráticas – ainda tornam essa atividade interessante para as trabalhadoras. Esta foi uma das minhas mais surpreendentes escutas durante meu trabalho de campo. As empregadas domésticas que pesquisei encontravam vantagens no serviço domésti-

co, que coincidiam justamente com as acusações que intelectuais e militantes feministas, estudando trabalho e gênero, denunciavam como elementos de subjugação - os pagamentos extra-salariais, as possibilidades de negociações das faltas, trocas que se davam no âmbito de relações personalistas e clientelistas<sup>8</sup>.

<sup>8</sup> BRITES, Jurema. *Op. Cit.*, p. 283.

Assim como na pesquisa de Brites (2007), algumas trabalhadoras que entrevistei relataram vantagens de trabalhar como domésticas, por conciliarem melhor, diferentes atribuições que consideram importantes. Chegar mais tarde ao trabalho, sair mais cedo, ter uma jornada mais flexível, poder trabalhar fora, combinando com as tarefas de seu domicílio foram vantagens apontadas pelas trabalhadoras domésticas em relação a outros empregos. O salário também não se diferencia das outras profissões, uma vez que em Uberlândia e região os(as) trabalhadores(as) têm salários muito baixos.

O trabalho doméstico permaneceu durante o século XX como uma modalidade que emprega expressiva parcela da população feminina, mas que não encontra amparo na legislação, dependendo de negociações e acordos construídos no cotidiano, em cima da palavra firmada e das relações de confiança. Para algumas trabalhadoras, o trabalho doméstico significa imobilidade social:

É porque assim, você sempre vai ser a empregada doméstica. Você começa a marcar tempo de idade numa casa. Você sempre vai ser aquela doméstica mesmo. Nunca vai mudar de cargo na vida. Por exemplo, eu tive uma tia que ela começou a trabalhar novinha numa casa, até hoje, pergunta o que ela faz lá? A mesma coisa. Ajudou a criar os filhos, tudo da casa. Mas ela é sempre a doméstica, a que cozinha, a que arruma, sabe? A que trata dos outros empregados e da casa inteira. Então ela vai ser aquilo, sempre não é, né? Agora pro que ela está bem velha e sempre vai ser a doméstica da casa.

Eu acho que, por exemplo, cê vai trabalhar numa empresa, além daquilo que você faz, você pode aprender outras coisas, ne? Você já pode ser, assim, desenvolví-

<sup>9</sup>Maria Augusta,  
entrevista citada.

da, querer aprender ou até mesmo estudar para mudar, né? Agora, se cê trabalha de doméstica, cê perde a vontade de estudar pra mudar, né? Cê acha que assim, ah... eu vou ficar nessa vida mesmo, pra que fazer isso ou aquilo? Eu vou ficar, ficar nessa mesmo. Igual muitas aí que larga de estudar, não vai à escola. Então eu acho que deve estipular um horário para a pessoa trabalhar, estudar, querer melhorar, sabe, crescer. Eu acho isso<sup>9</sup>.

A continuidade na profissão, da mãe, tias, como trabalhadoras domésticas, lavadeiras, cozinheiras, nos leva a refletir sobre as dificuldades das famílias pobres de construírem alternativas de trabalho mais valorizadas para seus filhos. Nesse sentido, o acesso e a qualidade da educação têm importância, na medida em que são nas famílias de menor poder aquisitivo que o estudo é substituído ou combinado com o trabalho desde a infância. Mesmo reconhecendo alterações nessa situação, nas experiências das trabalhadoras domésticas, o trabalho desde a infância está muito presente, e a dificuldade de fugir do “destino” é grande.

Há na fala de algumas trabalhadoras domésticas a percepção de uma mudança social ampla que coloca novas exigências para as trabalhadoras domésticas, em termos de novos aprendizados. Significa dizer que, em geral, os conhecimentos acumulados, que garantem a sobrevivência durante a maior parte de suas vidas, são colocados como insuficientes em função de mudanças que inclui novas tecnologias, nova organização da vida doméstica, novos valores, tornando-se assim importante a discussão sobre a formação para o trabalho doméstico.

O tema da qualificação, para que o trabalhador consiga responder aos anseios do mercado de trabalho, compõe a lógica do capitalismo no contexto atual: sobram vagas, mas faltam trabalhadores(as) qualificados(as). A maneira como o tema, em geral, é abordado, responsabiliza o(a) trabalhador(a) pelo desemprego, por ausência de formação. Nesse sentido, é preciso considerar duas questões: 1) que o(a) trabalhador(a) considerado desqualificado atual-

mente era, até duas ou três décadas atrás, qualificado para o trabalho que realizava; 2) o discurso da falta de profissionais qualificados mascara a realidade uma vez que não há emprego para todos(as) e que pessoas com elevada qualificação também estão desempregadas porque não há vagas para todas elas.<sup>10</sup>

Mesmo levando em conta esses elementos, pensamos ser importante pensar a formação para o trabalho doméstico. Essa formação precisa considerar as mudanças sociais, como em relação à infância, por exemplo. Nas experiências mais antigas, as trabalhadoras domésticas tinham a prerrogativa, inclusive, de bater nas crianças e essas lhes deviam obediência. Atualmente há uma vigilância para saber se a criança está apanhando, sendo, por vezes, utilizados equipamentos eletrônicos para vigiar a trabalhadora. Significa reconhecer que há saberes no doméstico e que não é necessário apenas ser mulher para ser doméstica. Nos leva ainda a pensar que o cotidiano não é lugar apenas de repetição mas de conflitos, disputas, lugar de transformações<sup>11</sup>.

Mesmo com essas variações de gosto, de exigências há alguns conhecimentos básicos que podem ser aprendidos, para que as trabalhadoras domésticas possam ter um referencial do que é ou não aceitável nas exigências que lhes são feitas. O mesmo talvez seja verdadeiro para as patroas.

... pra ser uma boa passadeira? Pra você, sabe, o gosto primeiramente, você vai na... e cada pessoa gosta de um, de um estilo de passagem, né?(...) E fazer o trabalho bem feito, né? É capricho naquilo que você tá fazendo. Não fazê de qualquer jeito, fazê bem feito. Eu pra passá roupa, eu só uso amaciante e álcool na roupa. Até agora, antigamente usava muito engomá roupa. Hoje não usa mais, só a única roupa engomada que se faz é aqueles bordado lá do nordeste, da minha terrinha, que você faz engomado, né? Aí de resto, sabeno o tipo de roupa, qual é a temperatura do ferro, né? Na lavação você tem que ter a maneira de você, primeira coisa que você tem que fazê é separar as roupas, né? Roupa colorida, roupa branca, roupa que é de

<sup>10</sup>A respeito da qualificação e desemprego no novo capitalismo ver: FORRESTER, Viviane. *O horror econômico*. São Paulo: Editora da UNESP, 1996 e SENNET, Richard. *A corrosão do caráter – consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo*. 7. ed. São Paulo: Record, 2003.

<sup>11</sup> SILVA DIAS, Maria Odila. *Hermenêutica do cotidiano na historiografia contemporânea. Projeto de História*. São Paulo / PUC, n.17, nov. 1998.

<sup>12</sup> Dona Conceição, dona-de-casa e diarista de Uberlândia, entrevista à autora.

<sup>13</sup> Luce Giard ressalta as inúmeras qualidades necessárias ao cozinhar como planejamento antecipação, cálculo, mostrando que são saberes acumulados e transmitidos entre gerações. GIARD, Luce. Cozinhar. CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis-RJ: Vozes, 1996. v. II.

cozinha não mistura com roupa de, de vesti, tem que fazê o trabalho separado. Pois é, até o estender de roupa, você tem que sabê estendê, né? Roupa que você não pode usá pegador, tem que usa o próprio cabide pra secar. Então, todos esses detalhes cê tem que sabê e no treinamento você adquire esses conhecimentos. Então, você vai trabalhá já, e facilita o trabalho. Não, a passagem depende muito também da banca onde você vai passar roupa. Inclusive quando eu tô numa, quando eu vou passar uma roupa que tem muita roupa social, e a banca não condiz com o trabalho que você tá fazendo, às vezes, a banca tá muito deteriorada, né? E precisano de uma reforma, ou de uma banca nova, aí eu falo com a patroa: Olha, se a senhora não adquirí uma banca nova, ou mandá reformá essa banca, não vai ter como eu fazer um trabalho bem feito pra senhora. Então, você tem que sabê também como vai conversá com a patroa, como você vai se dirigi à patroa pra você consegui êxito naquilo que você... Porque você também trabalha, você tem que tê uma condição adequada pro seu trabalho, você não trabalhar precariamente, porque aí, seu serviço não rende e nem sai bem feito como deveria sai<sup>12</sup>.

Dona Conceição aponta aspectos das transformações no modo de passar roupas, como a questão do engomar que caiu em desuso, a atenção da passageira ao gosto da patroa. Aponta habilidades necessárias a lavação e passagem de roupas, que são transformadas no tempo, mas ressalta saberes que vão sendo acumulados<sup>13</sup>. Outro aspecto importante da sua fala, e revelador de seu lugar social como militante da Associação de Diaristas, é a cobrança em relação aos equipamentos necessários à boa passagem. Assim, Dona Conceição chama a atenção para que as trabalhadoras exijam os equipamentos, sem os quais o trabalho não pode ser bem realizado.

Dona Conceição fez referências às transformações no mercado de trabalho em geral, mostrando, por meio de sua experiência, as dificuldades encontradas na atualidade. Tendo sido secretária, ficou 19 anos sem trabalhar fora de casa e quando quis voltar ao seu antigo trabalho, na área de contabilidade, não conseguiu “a pessoa de idade tá muito dis-

criminada na área do trabalho”, sendo esta a razão para ter ido trabalhar como diarista. Além da idade referiu-se ao visual como elemento importante na busca por emprego. Nesse caso juventude parece significar o visual desejado pelo mercado.

Outro elemento que influencia nas contratações é a questão racial. A boa apresentação solicitada nos anúncios de emprego, a exigência de fotos é o meio utilizado para não contratar pessoas negras e/ou para vincular a oferta da vaga de trabalho a um modelo de beleza. Também no trabalho doméstico a origem etno-racial tem influência, como relata Joyce:

Aquela casa ali, esquina da Av. João Pinheiro onde hoje é a Imobiliária Paulo Campos, morava uma família, era uma das famílias mais ricas de Uberlândia que era a casa do Nicomedes, ali na João Pinheiro era as casas mais bonitas de Uberlândia. [...] Tava precisando de copeira e eu fui lá porque na época tinha copeira pra servir o jantar na sala de jantar na copa que eles falava e a cozinheira só ficava lá pro fundo, não aparecia. Aí eu cheguei, vi uma senhora muito chique, bonita, veio falar comigo. Aí eu falei que estava procurando né um emprego pra copeira. [...] Aí ela olhou assim pra mim de cima em baixo. Falou: “Não eu tenho a vaga de copeira mas pra você eu tenho a vaga pra cozinheira porque a cozinheira tá indo embora”. Aí olhei assim pra ela, não entendi bem, né. Aí eu falei pra ela: Não, cozinheira eu não vou ficar com a senhora como cozinheira porque eu não sou cozinheira de forno e fogão, eu só cozinho o trivial simples. Quitandas, tortas eu não sabia fazer. Aí ela falou: “Então infelizmente nós não podemos fazer negócio”. E eu fui embora. Depois é que eu fui entender que ela não queria uma copeira negra, ela tinha a vaga, mas não ia me ceder, porque ela não queria uma copeira negra servindo a comida na sala. Aqui em Uberlândia tem gente racista<sup>14</sup>.

Se o trabalho doméstico tem peso importante para as mulheres pobres em geral, é ainda maior para as mulheres negras, uma vez que são vários elementos de interdição dessas mulheres ao estudo e às profissões socialmente valorizadas. No trabalho doméstico, ser negra pode ser um elemento que di-

<sup>14</sup>Joyce, professora aposentada, moradora de Uberlândia. Foi doméstica. Entrevista à autora.

<sup>15</sup> Acerca da discussão racial no emprego doméstico ver: AZEREDO, Sandra Maria da Mata. "Relações entre empregadas e patroas: reflexões sobre o feminismo em países multirraciais". COSTA, Albertina de Oliveira e BRUSCHINI, Cristina. *Rebeldia e Submissão*. Rio de Janeiro/ Petrópolis: Vozes/Vórtice, 1984.

<sup>16</sup> Joyce, entrevista citada.

ficulta o acesso, como Joyce fez referência. Mas, também pode significar preferência para algumas funções como cozinheiras, por exemplo, pela idéia de que mulheres negras cozinham bem. Posição conservadora dos que acreditam que esse é o lugar próprio dessas mulheres.<sup>15</sup>

Diante da escassez de recursos financeiros, trabalhando e custeando seus estudos da forma como era possível, Joyce inventava, a partir dos conhecimentos adquiridos:

E nessa época eu aprendi a costurar, aí minhas patroas me davam vestidos velhos que não eram velhos e eu desmanchava e fazia outro modelo, eu era uma das negras mais chique que tinha aqui em Uberlândia. Cê precisava de ver como é que eu era chique, roupa que eu fazia dos vestidos velhos que eu ganhava, porque o dinheiro era a conta de pagar a escola<sup>16</sup>.

Nesse aspecto, observamos o fato de Joyce sentir-se negra chique em Uberlândia nos anos 60 do século XX. Remete ao seu lugar no presente, na luta do movimento negro, pelo reconhecimento de sua beleza. No depoimento afirma que, nessa época, os espaços de negros e brancos na cidade eram bem separados, mas que a população negra tinha seus próprios divertimentos. Ao recordar, questiona até que ponto a situação do negro no presente é melhor, uma vez que, se por um lado, houve uma diminuição da segregação, por outro, ela pensa que houve perdas de formas locais próprios de expressão de expressão da população negra de Uberlândia.

### **Trabalhadoras domésticas e patroas - tempo e controle do trabalho em disputa**

Um tema caro às trabalhadoras domésticas é poder desempenhar seu trabalho sem a vigilância constante das patroas. As interferências, mesmo que na forma de pedido, parece significar desrespeito à sua capacidade de desenvolver as atividades.

A questão de compartilhar o trabalho com a trabalhadora doméstica parece influir na avaliação da patroa. Sobre uma patroa que não ajudava nas li-

des domésticas, Claudiana disse: “Andava o dia inteiro batendo perna, media rua, media rua. Não trabalhava não, andava à toa o dia inteiro”. Claudiana critica a dona de casa por deixar a doméstica trabalhando e ficar à toa. Como o trabalho doméstico é considerado um trabalho de mulher, é até aceitável que seja realizado pela doméstica quando a patroa está ocupada, mas se torna inaceitável quando esta paga alguém para trabalhar para “bater perna o dia inteiro”. Se ela permanece em casa, precisa trabalhar junto para ser considerada boa patroa. Este conflito de interesses revela percepção de lugares de mulheres, trazendo também conflitos de identidades, sobre o papel de cada uma das mulheres envolvidas nesta relação.<sup>17</sup>

Talvez essa seja a razão pela qual a relação entre empregadas domésticas e patroas seja, em geral, mais conflituosa do que com o patrão. Claudiana mesma diz: “Seu Milton gostava demais de mim”, expressando maior facilidade de relacionamento com o patrão.

Para uma boa relação entre patroas e trabalhadoras, Renata defende que:

... eu acho que a doméstica pra ser uma doméstica ela não pode ser explorada e nem explorar o patrão. Tem que ser quase uma ligação, sei lá, diferente. Tem que ter uma confiança, uma amizade pras coisas dar certo. Porque se for mais aquela coisa assim: “Ah eu vou lá e faço, pronto”. O patrão não vai ficar satisfeito, vai chamar a atenção, então vai ser aquela coisa assim, não vai ficar um clima gostoso na casa, nem pra pessoa que vai trabalhar cedo e nem pra pessoa que está lá, que está vendo o serviço. Assim, eu levo mais pra esse lado, porque se for pro lado assim mais de executar o serviço, de fazer aquela coisa assim, assim, você não tem aquele ânimo de trabalhar, levantar cedo e trabalhar, de fazer aquela coisa. Eu acho que doméstica tem que gostar de trabalhar como doméstica. Eu gosto, gosto muito, as coisas que eu faço, eu faço, eu faço com melhor capricho que eu puder fazer eu faço. Só se eu tiver doente, alguma coisa assim, eu gosto de estar assim, não é assim, assim cativando, eu gosto de deixar o serviço assim, pra pessoa olhar e falar, né? “Ela faz bem”,

<sup>17</sup> A respeito ver: BARROS, Mari Nilza Ferrari de. *Análise psicossocial das representações de empregadas domésticas* (estudo exploratório). (Mestrado em Psicologia Social). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1985 e KOFES, Suely. *Mulher, mulheres: diferenças e identidades nas armadilhas da igualdade e da diferença entre patroas e empregadas*. Campinas-SP: Ed. Unicamp, 2001.

<sup>18</sup> Renata, trabalhadora doméstica de Uberlândia, entrevista à autora.

<sup>19</sup> Oneida, entrevista citada.

tipo deixar minha marca. (...) Eu não tenho pressa de fazer o meu serviço, eu gosto que fique bem feito e que quando eu vou embora pra casa eu não vou assim pensando, ah, será que a pessoa gostou? Não, eu fiz o melhor que eu pude, se a pessoa não gostou então não é porque não é do jeito que ela quer. Mas porque eu fiz o melhor que eu pude eu fiz. Que depois vai ficar pensando, ah, eu podia ter feito melhor, podia ter caprichado um pouquinho não<sup>18</sup>.

Renata relaciona a qualidade do serviço com a necessidade de dedicação, de querer cativas as pessoas, enfatizando a vontade de deixar sua marca positiva, de fazer falta pelo cuidado que dispensa às pessoas para as quais trabalha. Como outras trabalhadoras, ressalta o aspecto de não fazer o trabalho correndo para ir embora. Entre os elementos que Renata coloca para a *boa* trabalhadora doméstica está o gosto de ser trabalhadora doméstica. Sabemos que no contexto de desigualdade social em que vivemos poder escolher a profissão, é um privilégio de classe, salvo raras exceções. Mas, para Renata, só será boa doméstica aquela que realizar seu trabalho com gosto. E muitas trabalhadoras, o realizam como ela mesma evidencia.

Sobre as razões para permanecer muitos anos nas casas em que trabalhou, Oneida disse:

... porque uma das vantagens, que eu pensava assim, eu não gostava de mudar de emprego, é que eu tinha muita dificuldade de mudar de uma casa pra outra. Eu sentia muito, eu imaginava assim, se a gente sente, o mesmo que a gente sente a patroa também sente. Que até que você adquire aquela liberdade, aquela confiança, quando você chega, você sempre fica com o pé atrás. E elas também têm razão. Eu pensava assim: Ah não gente, o tempo que eu vou ficar de, que é ruim você ficar, a pessoa... **a mamãe sempre falava assim: “cebola que tanto muda não dá cabeça”**. Ela gostava de falar assim. Eu sou de acordo que o pouco que a gente aprende, a gente treina com o serviço. Você faz ele tranqüila, você adquire assim aquela tranqüilidade. Você não sente assim dificuldade<sup>19</sup>.

Oneida fala sobre a importância da perseverança para firmar-se em algum lugar pois “cebola que muito muda não dá cabeça”. Para ela, é difícil mudar de casa em função dos vínculos afetivos e das vantagens que tem a trabalhadora doméstica, quando a patroa e a família para as quais trabalha já a conhecem e nela confiam. Assim, mostra que fazer bem o trabalho doméstico depende também da convivência com as pessoas com quem trabalha, bem como do conhecimento e adequação dos gostos. Implica aprendizagens que tempo e inteligência propiciam.

Ao referir-se à relação com as trabalhadoras domésticas de seu domicílio, Carmem se reconhece como uma patroa exigente, mas acredita que as trabalhadoras domésticas não tenham nada a reclamar dela. Sua justificativa é que ela “não faz falta de educação na frente de todo mundo”. Para ela uma fonte de insatisfação com o trabalho doméstico é o fato de algumas patroas, destratarem as trabalhadoras domésticas na frente dos outros, fazer falta de educação, gritar. Outro elemento que Carmem aponta é a forma de “mandar”. Para ela a repetição das ordens constitui grande incômodo. Há um grande conflito em torno do mandar, do repetir o que se tem que fazer quotidianamente. Na experiência de Carmem, como ela está a maior parte do tempo em casa, orienta o trabalho. As trabalhadoras com muito tempo de casa sabem o trabalho que precisam realizar, e Carmem diz não ter que mandar muito mais não.

Claudiana coloca a questão de não precisar mandar, como uma qualidade da boa trabalhadora doméstica. Se esta compreende o que a patroa quer, não precisa esperar mandar para realizar o trabalho e isso deve ser bem combinado no início do contrato de trabalho.

... não precisa estar falando não. Eu nunca, nunca, mas eu nunca tive gente assim que eu precisasse. Eu tive quer ver? Então todas elas foram muito competente, não tive, não que falá, ficar falando, ficar passando todo dia, porque você, pra ser boa patroa você arruma funcionária, senta com ela e explica “assim, assim. Eu gosto de comida desse jeito, desse jeito”. Igual eu, eu não gosto de comida salgada, então a pessoa já vai sabendo,

<sup>20</sup> Claudiana, dona-de-casa de Uberlândia, patroa, entrevista à autora.

<sup>21</sup> Valéria, dona-de-casa, patroa de Uberlândia, entrevista à autora.

ela tem que ser um pouco, a doméstica às vezes a diferença é essa, a doméstica é um pouco dona da sua casa também, não é? Uma pessoa trabalhando na sua casa ela é um pouco dona da sua casa. Que a maioria do tempo você não está dentro da casa. Eu saio muito, eu não fico aqui<sup>20</sup>.

Mandar e obedecer são pontos tensos da relação entre trabalhadoras domésticas e patroas. Se a patroa manda, a trabalhadora pode sentir como um desconhecimento ou um desrespeito à sua capacidade, ao seu saber-fazer. É preciso considerar as relações de poder presentes no âmbito doméstico, que patroas e trabalhadoras exercem seus poderes, quotidianamente. Assim mandar fazer tanto pode significar a necessidade de uma tarefa, como pode ser um meio da patroa mostrar quem está no comando. No jogo de forças entre patroas e trabalhadoras, essas últimas também constituem suas fontes de poder e o exercem. Assim, foram relatadas exigências que trabalhadoras domésticas, que se sabiam fundamentais em algum momento para o funcionamento da residência, fizeram para continuar trabalhando na casa. A necessidade da família e especialmente da patroa, baliza até que ponto ela cederá às exigências da trabalhadora.

Valéria, como patroa, apresenta uma queixa:

Mas assim, tem coisa que eu acho, por exemplo, sabe, falta criatividade? Aqui em casa, chega jornal todo dia, eles não gostam de jogar fora, porque as meninas precisam de fazer pesquisa de escola. Ficavam esparramados não catava... Eu inventei essa cestinha ali. Inventei. Mas assim, coisa do dia-a-dia... por exemplo: toalha. Toalha molhada dentro do quarto é ruim, dá mau cheiro, depois você vai tomar banho no fim do dia, toalha tá úmida, mofada. Eu acho assim, a primeira coisa que você tem que fazer quando você vai arrumar um quarto ou um banheiro, ou no banheiro vai tirar a toalha molhada, põe no varalzinho, não é? Eu sou assim, eu penso em tudo. Sabe, eu acho que ela tem que pensar que se a gente for falar tudo acha ruim, emburra, reclama, né?<sup>21</sup>.

Valéria diz sentir falta que as trabalhadoras criem, antecipem, inventem diante dos problemas quotidianos. Como compreender o que chamou de falta de criatividade? Uma questão que podemos pensar é que a criatividade advém também da vivência de situações criativas e de liberdade. Não inventar muito, talvez não seja exatamente ausência de idéias, mas mecanismo para poupar trabalho, para ficar apenas no essencial e não ser cobrada depois, ou seja, talvez seja uma tática das trabalhadoras domésticas para não ter que trabalhar mais, fazer o estritamente essencial e ir para suas próprias casas. Trabalhadoras fizeram referência a importância de manter um trabalho médio para que as exigências não se ampliem. Podemos pensar também quanto ao papel de trabalhadoras e patroas. Historicamente as patroas recebiam formação específica para mandarem em suas empregadas, e as trabalhadoras para obedecerem a ordens, o que vale também para o conjunto dos trabalhadores. Se hoje há uma “necessidade” de que os(as) trabalhadores(as) sejam criativos, “flexíveis”, essa exigência confronta com a experiência de mulheres que ao longo da vida, receberam especial formação para executar o que outros pensaram. E nessa divisão tradicional, quem tem que pensar em tudo são as patroas<sup>22</sup>.

Em que pese essas considerações, elas não resolvem a questão, uma vez que a própria Valéria nos apresenta outro problema: o fato das trabalhadoras não gostarem que fale que alguma tarefa não está sendo cumprida da maneira desejada:

Uma vez, teve uma época que ela (a trabalhadora) tava fazendo uma comida muito salgada. Mas muito, muito mesmo. Aí eu peguei e falei: “Tô achando essa comida salgada demais”. Ela fecha a cara na hora. Ela fecha a cara, ela pode tá rindo que ela fecha a cara na hora! No outro dia não tinha sal nenhum. Aí eu não falei nada. Aí a gente comia, pegava a saleirinha e punha (risos). Pior que depois você acha o fim falar, sabe?<sup>23</sup>

A observação sobre a quantidade de sal não foi

<sup>22</sup> No texto: Mulheres na sala de aula, Guacira Lopes Louro aborda os conteúdos das escolas femininas, que incluem, além de conhecimentos básicos como leitura e matemática, conhecimentos voltados para a organização da casa, como costura, bordado. Além disso as mulheres da elite recebem formação na escola para o comando de suas domésticas. DEL PRIORE, Mary. *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto: 2002.

<sup>23</sup> Valéria, entrevista citada.

<sup>24</sup> Avaliando a relação das trabalhadoras domésticas e suas patroas, Lenira Carvalho afirma que é necessário que também as patroas aprendam a serem patroas, dizendo como e quando desejam que as atividades sejam realizadas, evitando o “emburramento”, ou seja, ficar insatisfeita e fazer cara feia. CARVALHO, L. A luta que me fez crescer. Org. C. Parisius. Recife: DED; Bagaço, 1999.

bem aceita pela trabalhadora doméstica e houve uma reação no sentido inverso, tirando todo sal da comida. Essa atitude tanto pode representar uma retaliação frente à queixa da patroa como revelar insegurança quanto à real quantidade de sal a ser utilizada. Essa situação expõe o quadro de ambigüidades do trabalho doméstico, porque a própria definição do emprego passa, necessariamente, pelo fato de alguém trabalhar sob a subordinação de outro. Não poder falar, de certa maneira, é uma negação do trabalho doméstico como trabalho e emprego, focando nesses aspectos pessoais da relação como amizade, ser da família nas quais é possível, inclusive ficar emburrada com a patroa.<sup>24</sup>

Para evitar esses melindres da relação, patroas que não querem assumir uma posição mais clara de comando utilizam diversas estratégias para que as atividades sejam realizadas da forma como gostariam. Na busca de alternativas ao problema de não querer falar sobre o que deseja que seja feito e não repetir as atividades, mas querer vê-las executadas da forma como gostaria, Valéria criou em sua casa uma tabela semanal de atividades:

A tabela, eu pensei nela às vezes você lava uma varanda todo dia, você coloca roupa na máquina todo dia sem necessidade, você lava banheiro todo dia e você esquece de fazer outras coisas, de descongelar a geladeira, de trocar os lençóis da cama, trocar as toalha da casa, colocar os panos pra lavar. E, assim, seu serviço vai ficando desprogramado, você chega e: “Quê que eu vou fazer hoje? Deixa eu ver se tem muita roupa, suja!” Você vai e põe aquela roupa pra lavar então, eu achei que tava muito problemático (...) fazer a tabela pra diminuir aquele problema da gente ficar assim, sem saber o dia que trocou de toalha acha que a toalha já tem muitos dias que você tá usando e que por exemplo no mesmo dia que ela tava passando roupa, ela tava com a máquina ligada lavando mais... Então, nós pensamos em dá uma organizada pra isso. E, também ela tinha uma coisa grave aqui em casa que era o seguinte... Na sexta-feira, o cesto de roupa suja tava derramando de roupa. Aí chegava sábado e domingo cê queria vestir uma roupa então, como a gente não tem muita

opção de roupa, achava aquilo ruim, sabe? Então, eu coloquei um dia de lavar aqui, que não tinha antes que foi na quinta-feira. E, na quinta-feira lava, passa na sexta. Então acabou com o nosso problema do final de semana<sup>25</sup>.

<sup>25</sup>Valéria, entrevista citada.

A tabela de tarefas diárias foi o meio encontrado por Valéria para estabelecer tarefas para a trabalhadora doméstica sem parecer autoritário, impositivo. Utilizou como estratégia fazer a tabela no período em que a trabalhadora estava em férias e organizou como se fosse para toda a família. O fato de Valéria organizar a tabela demonstra conhecimento, um saber-fazer como dona de casa e patroa, do modo de organizar e realizar o trabalho doméstico. Mostra ainda sua estratégia de controle do tempo de realização das atividades, inclusive com a definição do dia. Se, por um lado, ela diz que isso favorece a trabalhadora por não ter que pensar sobre o que será feito, por outro, dá menos margem para que a mesma o realize o trabalho no seu ritmo, de acordo com a sua vontade e disposição a cada dia. Permite à Valéria um controle mais efetivo das atividades, uma vez que pode observar se naquele dia estabelecido as tarefas foram realizadas, se as toalhas foram lavadas, se a roupa foi passada, etc.

Para que a trabalhadora possa desempenhar bem suas funções, e não ser mandada todos os dias é necessário, segundo patroas e trabalhadoras, uma boa combinação para que os hábitos, costumes, possam ser apreendidos e os serviços possam atender às expectativas. Isso pode minimizar conflitos, embora não eliminá-los os interesses são divergentes.

Como notamos, a realização do trabalho doméstico é mais complexa que possa parecer, envolvendo não apenas o trabalho em si, mas habilidade para adequar-se às condições do domicílio, aprendizagens e saberes aprendidos ao longo da vida, nas vivências familiares e no trabalho, passadas de geração a geração, e também conhecimentos que podem ser aprendidos em cursos de formação, livros, TV, rádio, etc. As transformações no trabalho doméstico contribuíram para alterar identidades de mulheres que a ele se dedicaram. No caso das donas-de-casa,

as mudanças sociais levaram a uma desvalorização desse trabalho, desconsiderando que foi a essa atividade que a maioria das mulheres dedicou grande parte de suas vidas. As trabalhadoras domésticas afirmaram, a partir da constituição de 1988 o seu direito de serem trabalhadoras, ampliando a aceitação social da profissão entre as alternativas da população de baixa renda.

Por meio deste estudo buscamos problematizar e visibilizar experiências de mulheres que exercem atividades fundamentais para sociedade em que vivemos, mas que são desvalorizadas e desconsideradas pelas pessoas que usam amplamente seu trabalho. Reconhecer o trabalho doméstico como trabalho, e como trabalho árduo, pesado, cansativo, como importante campo de emprego das mulheres do Brasil, é passo importante para compreender o significado e saberes implícitos nessa atividade e para a organização da justa luta pela sua distribuição do trabalho doméstico entre homens e mulheres e as diferentes gerações.

### Referências Bibliográficas

AZEREDO, Sandra Maria da Mata. Relações entre empregadas e patroas: reflexões sobre o feminismo em países multirraciais. COSTA, Albertina de Oliveira e BRUSCHINI, Cristina. *Rebeldia e Submissão*. Rio de Janeiro/ Petrópolis: Vozes/Vórtice, 1984.

BARROS, Mari Nilza Ferrari de. *Análise psicossocial das representações de empregadas domésticas (estudo exploratório)*. (Mestrado em Psicologia Social). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1985

BERGANTINI, Isabel Cristina. *Balanço crítico da bibliografia brasileira sobre trabalho doméstico*. São Paulo, 1987. (Mestrado em Psicologia Social. Pontifícia Universidade de São Paulo, 1987.

BRITES, Jurema. Serviço doméstico, desigualdade, gênero e cidadania. In: WOLF, C. S., DE FAVERI, M., RAMOS, T.R DE O. *Leituras em rede: gênero e preconceito*. Florianópolis: Editora das Mulheres, 2007.

BRUSCHINI, Maria Cristina Aranha. *Trabalho das Mulheres no Brasil: continuidades e mudanças no período 1985-1995*. São Paulo: Fundação Carlos Chagas: 1998.

CARVALHO, L. *A luta que me fez crescer*. Org. C. Parisius. Recife: DED; Bagaço, 1999.

CASTRO, Mary Garcia. *Trabalhadoras Domésticas: A Busca de Uma Identidade de Classe*. *Cadernos Cedes*, Salvador: UFBA, 1989. p. 49-58.

CHINALI, Israild Giacometti. *Empregada doméstica: mulher e trabalhadora uma proposta de intervenção do serviço social*. São Paulo: PUC-SP, 1992. (Mestrado em Serviço Social)

GIARD, Luce. Cozinhar. CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis-RJ: Vozes, 1996. v. II.

FENELON, Déa Ribeiro. et. all. (Org.) *Muitas memórias, outras histórias*. São Paulo: Olho D'água, 2004.

FERREIRA, Jorgetânia da Silva. Do silêncio ao preconceito: a (des)caracterização do emprego doméstico no pensamento acadêmico. *Revista História e Perspectivas*, n. 23, jan.-dez 2000, Uberlândia.

\_\_\_\_\_. *Trabalho em Domicílio: cotidiano de trabalhadoras domésticas e donas-de-casa no Triângulo Mineiro (1950-2005)*. São Paulo: PUC-SP, 2006. (Mestrado em História).

FORRESTER, Viviane. *O horror econômico*. São Paulo: Editora da UNESP, 1996.

KOFES, Suely. *Mulher, mulheres: diferenças e identidades nas armadilhas da igualdade e da diferença entre patroas e empregadas*. Campinas-SP: Ed. Unicamp, 2001.

LOURO, Guacira. *Mulheres na sala de aula*. DEL PRIORE, Mary. *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto: 2002.

MAGALHÃES, Aceli de Assis. *História de Mulheres:*

considerações sobre a privação e a privacidade na história das mulheres. São Paulo: Altana, 2001.

PROST, Antoine. *História da Vida Privada*. Companhia das Letras: São Paulo: 2003. v.5.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. *Emprego doméstico e capitalismo*. Petrópolis, Vozes: 1978.

SAMARA, Eni de Mesquita, SOIHET, Rachel, MATOS, Maria Izilda S. de. *Gênero em debate: trajetória e perspectivas na historiografia contemporânea*. São Paulo: Educ, 1997

SCHWARZ, Lília M. *História da Vida Privada no Brasil*. Companhia das Letras: São Paulo, 1998

SCOTT, Joan W. *A invisibilidade da experiência. Projeto História*, São Paulo, n. 16, p. 297-325, fev. 1998

SENNET, Richard. *A corrosão do caráter – conseqüências pessoais do trabalho no novo capitalismo*. 7. ed. São Paulo: Record, 2003.

SILVA DIAS, Maria Odila. *Hermenêutica do cotidiano na historiografia contemporânea. Projeto de História*. São Paulo / PUC, n.17, nov. 1998.

THOMPSON, E. P. *Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

\_\_\_\_\_. *A Miséria da Teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.